

5. Catedral Metropolitana

5.1 A edificação como documento

5.1.1 Bem/Edificação

Catedral Metropolitana de Campinas

5.1.2 Localização

Praça José Bonifácio, s/n, Centro, Campinas, SP, CEP 13010-190

5.1.3 Proteção

Tombada pelo CONDEPHAAT Processo 20217/77, Resolução 20 de 30/05/1981, inscrição nº 148, p. 27, 22/12/1981 e pelo CONDEPACC, Resolução nº. 001/88 de 19/12/1988

5.1.4 Propriedade

Catedral Metropolitana de Campinas

5.1.5 Proprietário

Cúria Metropolitana de Campinas

5.1.6 Usuário

Cúria Metropolitana de Campinas

5.1.7 Utilização original

Matriz Nova da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição

5.1.8 Utilização atual

Catedral Metropolitana de Campinas

5.1.9 Enquadramento/Implantação

A catedral acha-se localizada entre as ruas Costa Aguiar, 13 de maio, Jose Paulino e avenida Francisco Glicério, no centro da cidade.

5.1.10 Valor documental

No início do século XIX, moradores enriquecidos com o comércio, canaviais e engenhos da Vila de São Carlos decidiram construir em uma área relativamente distante do Largo da Matriz (ou da "Matriz Velha"), uma nova Igreja, templo que pretendiam erguer em taipa de pilão e que desejavam atribuir grandes proporções. Com o novo edifício, os moradores buscavam também reordenar o crescimento e o traçado da Vila, fazendo-a seguir por terrenos mais altos, planos e secos através de um desenho reticulado de quadras e quarteirões.

O grande porte da construção, no entanto, impôs dificuldades, estendendo-se as obras por mais de setenta anos (1807-1883) e exigindo recursos que, se inicialmente provinham da produção agrícola, em meados do século impuseram novos impostos. No curso das décadas, várias equipes de artistas, arquitetos, engenheiros, mestres de obra, artesãos e trabalhadores integraram os trabalhos e enfrentaram problemas de diferentes portes, entre eles, o desmoronamento de parte dos alicerces (1866). A grande igreja de taipa de pilão apresentou problemas também na conclusão da fachada.

5.2.2 Estilo, originalidade

Fachada de inspiração neo-clássica com interior em estilo rococó tardio e neo-barroco. A mistura de formas e de momentos distintos de arte que se encontram presentes nos ajudam a entender um pouco mais sobre o tempo histórico em que foi construído, sobre as aspirações que moveram suas elites, ou ainda, sobre a arte dos seus construtores.

5.2.3 Aspectos arquitetônicos independentes do estilo (período histórico de construção, evolução e mudanças do edifício)

O corpo principal da igreja recebeu cobertura em 1845, momento em que já se achavam presentes os primeiros sobrados, ruas e o projeto de um teatro (que em breve seria instalado nas imediações).

Uma vez erguido o corpo central da Matriz Nova, começaram os trabalhos de estruturação e ornamentação interna e externa, atividades que se estenderam por mais quatro décadas e que contaram com várias equipes de artistas, arquitetos, engenheiros, mestres de obra, artesãos e trabalhadores.

O primeiro grupo foi o de Vitoriano dos Anjos Figueira, um experiente entalhador bahiano trazido pela Irmandade do Santíssimo Sacramento que chegou a Campinas em 1853 com seus artífices aprendizes. Sua equipe conseguiu construir em poucos anos e em grandes proporções (pelo porte das taipas) o altar-mór, o balcão das tribunas, do coro e os dois púlpitos em estilo rococó tardio, revelando grande competência e dedicação. Mas, Vitoriano dos Anjos, cerca de dez anos depois, por desentender-se com o novo presidente das obras, foi dispensado, dando lugar ao itano Bernardino de Sena Reis e Almeida, que realizou os altares da nave e as duas capelas laterais em estilo neo-barroco. Nesta ocasião, achava-se à frente dos trabalhos o arquiteto da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Bittencourt da Silva; autor do projeto da Igreja da Glória do Catete (RJ), edificação que então contava com fachada de torre única em estilo neo-clássico. As obras seguiram seu curso até o ano de 1866, momento em que o desmoronamento de uma parte dos alicerces (com a morte de quatro pessoas) se novas trocas de equipes das quais participaram Vilaronga (1871), Cantarino (que retomou o projeto de Bittencourt, com alterações), Cristovam Bonini (1876) e Ramos de Azevedo (1879).

Na última fase dos trabalhos, o engenheiro Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, de posse do projeto do arquiteto Cristóvão Bonini, edificou uma nova estrutura de tijolos para sustentar os elementos decorativos. Seguindo o projeto de Bonini, foram criados três planos decorativos em estilo clássico. O primeiro se compunha de colunas de inspiração jônica e uma parte central saliente coroada por um frontão triangular e uma série de quadros em relevo com a gravação das principais datas históricas do templo. O segundo plano seria composto por duas janelas em arcada, de inspiração coríntia, e um grande relógio. O terceiro plano seria assentado em uma base quadrada com uma pirâmide de coramento, esfera e cruz de ferro. Em 1923 a Catedral passou por reformas que criaram, entre outras intervenções, uma cúpula de cimento capaz de sustentar uma imagem da Virgem Maria, em lugar de um pequeno zimbório de vidros coloridos

5.2.4 Estado físico de preservação (níveis de conservação, negligência, abandono)

O estado de conservação da catedral metropolitana é bom, encontrando-se há vários anos em processo de restauração.

5.2.5 Transformações e adaptações, restauração

Para restauração da Catedral Metropolitana a Arquidiocese de Campinas obteve recursos para a primeira fase de trabalhos, centrada na recuperação da fachada (troca das argamassas; restauro dos anjos e de dois evangelistas). Na atualidade, buscam-se recursos para a continuidade do processo.

5.2.6 Emprego de materiais, programa, outras informações

Estrutura de taipa de pilão com fachada de tijolos para sustento dos apliques decorativos. Ornamentação em cetro vermelho (disponível em terrenos próximos) trabalhada em estilo barroco brasileiro pelo artista baiano Vitoriano dos Anjos, entre outros.

5.2.7 Área total aproximada

Área bruta: 2.890 m²

5.3 Estudo do entorno

5.3.1 Área envoltória

Para a construção da "Matriz Nova" em 1807 escolheu-se um terreno relativamente distante da chamada "Matriz Velha" (área da Basílica do Carmo) mas em meio ao qual pretendia-se firmar o desenvolvimento da vila. No longo período de sua edificação, a instalação da ferrovia e da estação numa região localizada aos fundos do templo, trouxe outras perspectivas de crescimento e dinâmica urbana. Coube, então, a um novo traçado urbano garantir que a Matriz Nova permanecesse no centro desta malha urbana em expansão, desenhando-se sua conexão por meio de eixos viários estratégicos.

De fato, se nas origens desta obra, a Matriz Nova deixava-se orientar pela passagem da Estrada dos Goiaes, em sua conclusão, a Igreja achava-se em desalinho com as novas dinâmicas de desenvolvimento. A Rua São José -

projeto	013/14
cliente	TAB Núcleo Regional Campinas
assunto	Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico
síto	Catedral Metropolitana
local	Campinas, SP
coordenação	Dr. Mirza Pellicciotta
data	12/10/2015
revisão	0
folha	01/03
Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda	

rebatizada de 13 de Maio em 1888 – foi um dos arruamentos que cumpriu papel fundamental nesta conexão. Este eixo que, na virada dos séculos XIX e XX recebeu casas de comércio, fábricas, hotéis, escritórios, linhas de bonde e instituições, prestou-se a devolver à Matriz o lugar de centralidade.

5.3.2 Qualidade arquitetônica, estética, urbanística: interação com o ambiente urbano

A Rua Conceição fez parte, no passado, de um projeto de valorização visual da "Matriz Nova", hoje Catedral de Nossa Senhora da Conceição. No início do século XIX, quando as obras da matriz se iniciaram (1808), a rua recebeu o nome de "Formosa" para registrar esta presença, sendo traçada em linha reta a partir do Largo da "Matriz Nova" em direção à Estrada das Campinas. Velhas (nas imediações da "Estrada dos Goiaeses") de onde tropeiros e viajantes poderiam avistar e admirar toda a pretensão de progresso que se imprimia neste colossal templo, de secular construção. Inicialmente, a Rua Formosa interligava as ruas "de cima", "do meio" e "de baixo".

No curso do século XIX, a Vila de São Carlos ganhou estatuto de cidade (1842) e assumiu uma nova condição de desenvolvimento com a multiplicação das grandes propriedades produtivas (açúcar e café) e a intensificação de atividades comerciais e serviços que, pouco a pouco, "desprenderam" Campinas da "Estrada dos Goiaeses" para transformá-la em "entroncamento" viário de uma grande região do Estado de São Paulo. Com esta expansão rural e urbana, as dimensões da rua Conceição deixaram de corresponder às suas necessidades originais, impondo-se diversas alterações. Inicialmente, entre os anos 1842 e 1845 (ocasião em que a Vila se transformou em cidade) a Rua Formosa foi estendida até a Rua Irmã Serafina. Mais tarde, seu nome mudou para "Boaventura do Amaraí" e às vésperas da inauguração da Igreja Catedral, 58 proprietários solicitaram à Câmara a alteração do nome para "Rua Conceição" (1883).

A partir de 1939, o plano urbanístico de Prestes Maia desapropriou e alargou suas margens, sacrificando edifícios de grande importância histórica e arquitetônica para a cidade, como o Centro de Ciências, Letras e Artes, instalado desde 1907 na esquina com a Rua do Rosário (atual Avenida Francisco Glicério). Por outro lado, a Rua Conceição passou a desempenhar uma nova função urbana ao interligar a região central com um novo bairro em formação, o "Cambuí"; área que nas primeiras décadas do século XX se transformou em região de moradia de segmentos abastados da cidade. Neste período, a rua já abrigava importantes instituições comerciais, de serviços e culturais, como o "Rink Campineiro", espaço de "variedades" (1878) que recebeu em 1906 um cinematógrafo, em 1930 o cinema sonoro e em 1940 (após demolição e reconstrução) o cinema mais requintado de Campinas. Este estabelecimento, de grande público, desabou em 1951 causando inúmeras mortes na cidade.

5.4 Outros elementos patrimoniais do bem

5.4.1 Bens móveis

No interior do edifício encontramos uma movelaria antiga composta de peças trabalhadas em madeiras, cadeiras austríacas, trono episcopal, crucifixo, lustres, candelabros de prata, órgão (de 100 anos), sacristia, relógio de parede e 4 sinos (em torre com mais de 100 anos). Também encontramos o acervo da Irmandade do Santíssimo Sacramento e que deu origem ao Museu de Arte Sacra da Catedral, criado por Dom Paulo de Tarsos Campos em 1967 com 576 peças entre pinturas, esculturas, medalhas e móveis dos séculos XVIII a XX. Faz parte do acervo uma biblioteca com obras raras, partituras musicais, coleções de jornais antigos e cartas pastorais dos bispos campineiros e paulistas a partir de peças recolhidas na arquidiocese e doadas da coleção de Dom Paulo de Tarsos.

projeto
013/14

cliente
IAB Núcleo Regional Campinas

assunto
Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

sítio
Catedral Metropolitana

local
Campinas, SP

coordenação

Dra. Mirza Pellicciotta

revisão
0

folha
02/03

data
12/10/2015

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda



CONHECIMENTOS ASSOCIADOS

5.5 Iconografia



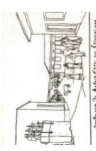








imagem	tipo	número	legenda	autor/fonte
	Fotografia	1314FT05001	Fachada, detalhe 1	Martina Vasconcellos
	Fotografia	1314FT05002	Fachada, detalhe 2	Martina Vasconcellos
	Imagem de arquivo	1314IA05001	O "sacramento" das telhas da Matriz Nova. Aquarela de Castro Mendes, a partir de desenho de Hércules Florence de 1830.	Acervo Museu da Cidade
	Imagem de arquivo	1314IA05002	Obras da fachada da Matriz Nova. Litogravura de Jules Martin, 1869.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA05003	Vista da torre da Matriz Nova a partir do Largo e Igreja do Rosário. Final do século XIX.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA05004	Fachada da Matriz Nova segundo projeto do arquiteto Cristovam Bonini (1876/1879).	Fonte: ArquivoBesse de Campinas
	Imagem de arquivo	1314IA05005	Matriz Nova, após conclusão e consagração em 1883.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA05006	Cartão postal com representação da Matriz Nova, Teatro São Carlos e Estação da Paulista. Início do século XX (1).	Acervo MIS

imagem	tipo	número	legenda	autor/fonte
	Imagem de arquivo	1314IA05007	Cartão postal com representação da Matriz Nova, Teatro São Carlos e Estação da Paulista. Início do século XX (2).	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA05008	Vista da Matriz Nova a partir do Jardim Carlos Gomes em princípios do século XX.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA05009	Vista dos fundos da Matriz Nova em princípios do século XX.	Acervo MIS

projeto
013/14
cliente
IAB Núcleo Regional Campinas
assunto
Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico
sítio
Catedral Metropolitana
local
Campinas, SP
coordenação
Dra. Mirza Pellicciotta
data
12/10/2015
revisão
0
folha
03/03
Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda